

A PAZ INTERIOR

JACQUES PHILIPPE



A PAZ INTERIOR

3ª edição

Tradução
Emérico da Gama

 QUADRANTE

Título original
Recherche la paix et poursuis-la

Copyright © 2006 Éditions des Béatitudes S.O.C.,
França, 1991

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Philippe, Jacques

A paz interior / Jacques Philippe; tradução de Emérico da Gama – 3ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2022.

Título original: *Recherche la paix et poursuis-la*

ISBN: 978-85-54991-77-7

1. Conduta de vida 2. Espiritualidade 3. Meditação 4. Paz - Aspectos religiosos 5. Vida cristã I. Título

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Paz : Meditação : Vida cristã : Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Apresentação	9
A paz interior, caminho de santidade	11
Sem Mim, nada podeis fazer	11
Paz interior e fecundidade apostólica	15
Paz e combate espiritual	17
Ao longo da luta, é a própria paz que costuma estar em jogo	19
As razões pelas quais perdemos a paz são sempre más razões	21
A boa vontade, condição necessária para a paz	24
A boa vontade, condição suficiente para a paz	26
Como reagir perante o que nos faz perder a paz	29
As preocupações da vida e o medo de fracassar	29
A dificuldade de crer na Providência	34
O medo do sofrimento	36
Para crescer na confiança, uma oração de filhos	39
Ou nos abandonamos por completo ou não nos abandonamos de forma alguma... ..	42
Deus pede tudo, mas não toma tudo necessariamente	44
Que fazer quando não conseguimos abandonar-nos?	45

O Senhor é meu pastor, nada me faltará	46
Atitude que devemos adotar ante o sofrimento dos que nos rodeiam	51
Cristo está em todo aquele que sofre	55
Os defeitos e as deficiências dos outros	56
Paciência com o próximo	60
Paciência com as nossas próprias faltas e imperfeições	61
Deus pode tirar o bem até das nossas faltas	65
Que fazer depois que pecamos?	68
A inquietação que nos invade quando temos de tomar decisões ..	72
O caminho real do amor	80
Alguns conselhos a modo de conclusão	82
O que nos dizem os santos	85
JUAN DE BONILLA	85
<i>A paz, caminho para a perfeição</i>	85
<i>Ter a alma livre e desprendida</i>	86
SÃO FRANCISCO DE SALES	87
<i>Deus é o Deus da paz</i>	87
<i>Como conseguir a paz</i>	88
<i>Paz e humildade</i>	89
<i>Tudo coopera para o bem dos que amam a Deus</i>	90
<i>Confiança na Divina Providência</i>	91
<i>Evitar a precipitação</i>	92
<i>Paz perante os nossos defeitos</i>	92
<i>Suavidade e paz no zelo pelos outros</i>	93
<i>Por último, aceitar sem inquietação que nem sempre se consiga manter a paz</i>	93
SANTA TERESA DE JESUS	95
<i>Verdadeira e falsa humildade</i>	95
MARIA DA ENCARNAÇÃO	97
<i>Abandono na vontade de Deus</i>	97
FRANÇOIS-MARIE LIBERMANN	99
<i>A paz, reinado de Jesus Cristo na alma</i>	99
<i>A paz, condição da docilidade ao Espírito Santo</i>	100
<i>Confiança em Deus</i>	101
<i>Não deixeis que as vossas misérias vos aflijam</i>	101

<i>Não vos preocupeis por uma aparente tibieza</i>	102
<i>Não vos inquieteis pelas vossas quedas</i>	102
<i>Paciência</i>	103
<i>Deixar agir o Espírito de Deus</i>	103
<i>Moderar os desejos</i>	104
<i>Viver o momento presente</i>	106
<i>A nossa incapacidade não deve ser motivo de tristeza ou inquietação, mas de paz e alegria</i>	107
SÃO PIO DE PIETRELCINA	109
SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ	111
<i>Só Cristo pode dar a paz</i>	111
<i>Fontes da paz: abandono e aceitação rendida da Vontade de Deus</i>	112
<i>A luta interior, condição para a paz</i>	114
<i>Humildade, outra fonte da paz</i>	115
<i>Obstáculos</i>	116
<i>Meios</i>	118
<i>Semear a paz ao nosso redor</i>	122

Apresentação

Que a paz de Cristo reine em vossos corações.

(Col 3, 15)

A experiência vos demonstrará que a paz, que infundirá em vós a caridade, o amor a Deus e ao próximo, é o caminho seguro para a vida eterna.

Juan de Bonilla, s. XVI

A nossa época é uma época de agitação e inquietude. Esta tendência, evidente na vida quotidiana dos nossos contemporâneos, manifesta-se também com grande frequência no próprio âmbito da vida cristã e espiritual: a nossa busca de Deus, da santidade e do serviço ao próximo, costuma ser também agitada e angustiada, ao invés de confiada e serena, como seria se vivêssemos a atitude das crianças que o Evangelho nos pede.

Portanto, é fundamental chegarmos a compreender um dia que o itinerário rumo a Deus e à perfeição é muito mais eficaz, mais curto e também muito mais fácil quando o homem aprende pouco a pouco a conservar em qualquer circunstância uma profunda paz no seu coração.

Isto é o que pretendemos fazer compreender através das considerações da primeira parte destas páginas. Depois, passaremos em revista um conjunto de situações em que com frequência nos vemos envolvidos, e procuraremos explicar o modo de enfrentá-las à luz do Evangelho, a fim de conservarmos a paz interior.

Na tradição da Igreja, esta doutrina foi abordada muitas vezes pelos autores espirituais. A terceira parte consta de alguns textos selecionados de autores de diferentes épocas que recuperam e ilustram os diversos temas a que aludimos.

A paz interior, caminho de santidade

Sem Mim, nada podeis fazer

Para compreendermos a importância fundamental que tem, no desenvolvimento da vida cristã, o vivo desejo de adquirir e conservar o mais possível a paz do coração, temos em primeiro lugar de estar plenamente convencidos de que todo o bem que possamos fazer procede de Deus e só dEle. *Sem mim, nada podeis fazer*, disse Cristo (Jo 15, 5). Não disse: não podeis fazer grande coisa, mas *nada podeis fazer*.

É essencial que estejamos bem persuadidos desta verdade, e, para que se imponha em nós não só intelectualmente, mas como uma experiência de todo o ser, teremos de passar por frequentes fracassos, provas e humilhações permitidas por Deus. Ele poderia

poupar-nos todas essas provas, mas são necessárias para que nos convençamos da nossa radical incapacidade de fazer o bem por nós mesmos. Segundo o testemunho de todos os santos, é-nos indispensável adquirir esta convicção. Com efeito, é o prelúdio imprescindível para as grandes coisas que o Senhor fará em nós pelo poder da sua graça. Por isso, dizia Santa Teresa de Lisieux que a maior coisa que o Senhor tinha feito na sua alma era «ter-lhe mostrado a sua pequenez e a sua inépcia».

Se tomarmos a sério as palavras do Evangelho de São João acima citadas, compreenderemos que o problema fundamental da nossa vida espiritual chega a ser este: Como deixar Jesus agir em mim? Como permitir que a graça de Deus opere livremente na minha vida?

É para esse ponto que devemos orientar-nos, não principalmente para uma série de obrigações – por melhores que nos pareçam – que assumamos com a ajuda da nossa inteligência, de acordo com os nossos projetos, com as nossas aptidões, etc. Devemos sobretudo procurar descobrir as atitudes profundas do nosso coração, as condições espirituais que permitam a Deus agir em nós. Só assim poderemos dar fruto, *um fruto que permanece* (cf. Jo 15, 16).

A pergunta: «Que devemos fazer para que a graça de Deus atue livremente na nossa vida?» não tem uma resposta unívoca, uma receita geral. Para responder a ela de um modo completo, seria necessário todo um

tratado de vida cristã que falasse da oração (especialmente dela, tão fundamental neste sentido), dos sacramentos, da purificação do coração, da docilidade ao Espírito Santo, e de todos os meios pelos quais a graça divina pode penetrar mais profundamente em nossos corações.

Não pretendemos abordar nestas poucas páginas todos esses temas. Só queremos referir-nos a um aspecto da resposta à pergunta anterior. Escolhemo-lo porque é de uma importância absolutamente fundamental e, além disso, porque, na vida concreta da maioria dos cristãos, mesmo nos que são muito generosos em viver a sua fé, é muito pouco conhecido e tomado em consideração.

A verdade essencial que desejaríamos apresentar é esta: para permitir que a graça de Deus atue em nós e – com a cooperação da nossa vontade, da nossa inteligência e das nossas aptidões, evidentemente – produza todas essas *boas ações, que Deus de antemão preparou para que nós as praticássemos* (Ef 2, 10), é da maior relevância que nos esforcemos por adquirir e conservar a paz interior, a paz do nosso coração.

Para compreender isto, podemos servir-nos de uma imagem (um pouco forçada, como todas as comparações) que poderá esclarecê-lo. Consideremos a superfície de um lago sobre a qual brilha o sol. Se a superfície desse lago for serena e tranquila, o sol refletir-se-á quase perfeitamente nas suas águas, e tanto mais perfeitamente quanto mais tranquilas forem. Se, pelo contrário, a

superfície do lago estiver agitada, varrida por ondas, a imagem do sol não poderá refletir-se nela.

Algo de parecido acontece com a nossa alma no que se refere a Deus: quanto mais serena e tranquila estiver, mais Deus se refletirá nela, mais se imprimirá em nós a sua imagem, maior será a ação da sua graça em nós. Se, pelo contrário, a nossa alma estiver agitada e inquieta, a graça de Deus agirá com maior dificuldade. Todo o bem que podemos fazer é um reflexo do Bem essencial que é Deus. Quanto mais serena, equânime e abandonada no Senhor estiver a nossa alma, mais esse Bem se comunicará a nós e, através de nós, aos outros. *O Senhor dará fortaleza ao seu povo, o Senhor abençoará o seu povo com a paz* (Sal 28, 11).

Deus é o Deus da paz. Só fala e opera no meio da paz, não na confusão nem na agitação. Lembremo-nos da experiência do profeta Elias no Horeb: Deus não estava no furacão, nem no tremor de terra, nem no fogo, mas no *murmúrio de uma brisa ligeira* (cf. 1 Re 19, 11-13).

Com frequência inquietamo-nos e alteramo-nos pretendendo resolver todas as coisas por nós mesmos, quando seria muito mais eficaz permanecermos tranquilos sob o olhar de Deus e deixá-lo atuar em nós com a sua sabedoria e o seu poder infinitamente superiores. *Porque assim diz o Senhor, o Santo de Israel: a vossa salvação está na conversão e na quietude, é no repouso e na confiança que reside a vossa força* (Is 30, 15).

Evidentemente, esta consideração não é um convi-

te à preguiça ou à inatividade. É um convite para que trabalhemos, e por vezes para que trabalhemos muito, mas sob o impulso do Espírito de Deus, que é um espírito afável e sereno, e não no meio desse espírito de inquietação, de agitação e de excessiva precipitação que com frequência nos domina. Esse zelo, mesmo quando é por Deus, está muitas vezes pouco clarificado. São Vicente de Paulo, a pessoa menos suspeita de preguiça que já existiu, dizia: «O bem que Deus faz, fá-lo por Ele mesmo, quase sem que o percebamos. Temos de ser mais passivos que ativos».

Paz interior e fecundidade apostólica

Há quem possa pensar que esta busca da paz interior é egoísta: como propô-la como um dos principais objetivos dos nossos esforços, quando há no mundo tanto sofrimento e tanta miséria?

Em primeiro lugar, devemos responder a isso que a paz interior de que se trata é a do Evangelho; não tem nada a ver com uma espécie de impassibilidade, de anulação da sensibilidade ou de uma fria indiferença encerrada em si mesma, das quais as estátuas de Buda ou certas posições do ioga poderiam dar-nos uma imagem. Antes pelo contrário, é, como veremos a seguir, o corolário natural de um amor, de uma autêntica sensibilidade para com os sofrimentos do próximo e de uma verdadeira compaixão, pois só esta paz do coração